

Greve de Inquilinos

Farça num acto

Personagens

- Fernando
- Salvador
- José
- Luiz
- Manuel
- Antonio

} Moços operarios de 20 a 30 anos
Ideias avançadas.

Ramón Pérez, 30 anos, refugiado.

Mercedes, sua mulher, 28 anos.

Manolito, 8 a 10 anos, seu filho

Anastacio Agarrado, velho de 60 anos, senhorio.

A scena passa-se no Rio.

Actualidade

Greve de inquilinos

Scena I

José, Manuel, Antonio, Salvador, Luiz, Fernando
A scena representa um quarto de

moços solteiros. Camas, colchões, uma rede,
cadeiras, ~~algum~~ uma mesa ^(com panno) ao centro, com
livros, papéis, tinta; ~~uma estante com livros;~~
básis ou malas. Ao fundo, porta para o corre-
dor; dum lado, janela ou janelas para um
pátio; do outro lado, porta para um outro
quarto, ~~que se vê~~. No quarto da scena moram
quatro rapazes, no outro dois. Os seis inqui-
linos, ao subir o panno, estão em scena, em varias
atitudes, cantando, com a mixica das Carvo-
eiras, o seguinte:

Uma voz (O panno está deido):

Liberdade, liberdade!

Quem a tem lhe chama sua;

Eu só tenho liberdade

De morar em plena rua!

(O panno vai subindo)

Côro:

São tão puzados

Os alugueis!

O' inquilinos

Não os pagueis!

Oh! que ladroeira

A do senhorio!

Fazei, inquilinos,

Greve em todo o Rio!

José, de repente, dando um murro na mesa — ba-
ramba! Com toda esta pândega e apesar do himno
dos inquilinos, iamos esquecendo que hoje deve
vir o senhorio receber os alugueis!

(Todos se movem animadamente, soltam esclama-
ções irritadas, protestam).

Manuel. — É eu que tinha o dinheiro contado
para pagar o mez no restaurante!

Antonio. — Ora! São bem e um como o outro.

Salvador. - Eu tambem fico sem um nickel se pago ao senhorio...

Luiz. - Não pagues! Não paguemos! Justo. Começemos nós! Façamos greve! Demos nós o exemplo! Eu, membro activo da Liga e por isso...

Fernando, num impeto sobe acima da mesa, e com grandes gestos e voz enfática, começa: Companheiros! Logo a hora trágica e decisiva da luta a todo transe! O nosso grito de guerra ao abutre voraz que se chama senhorio ^(dize-se) Não paguemos! não paguemos! As casas para quem nelas mora! Não mais parasitas! Não mais proprietarios! Foram eles porventura que as construíram? Não! Somos nós, os trabalhadores! Eles pegam sobre nossos ombros! elas foram amassadas com o nosso suor!...

(Todos aplaudem de vez em quando, menos Salvador, impaciente, que pôde enfim interromper;

Salvador. - Tudo serve ao Fernando de pretexto para um discurso! Que mania!...

Fernando. - É brincadeira, homem! (Dece).

Salvador. - Sim, mas a brincar ou a serio, por qualquer insignificancia, lá vai discurso. Discutamos o nosso caso a valer. Vocês têm dinheiro? (Tira dinheiro do bolso e conta:) 10, 15, 16, 17, 18, 19... (Tira níqueis do bolso do colete) e 800... Faltam-nos 200 reis! (Põe o dinheiro sobre a mesa).

Luiz. - Então, nada de greve? Aqui está o meu cobre! 20 \$ 000, mais 200 reis para completar o do Salvador.

(Todos tiram dinheiro, rebuscam, contam e tomam a contar, suspirando;) e colocam-no na mesa;

José. - O Luiz, empresta-me 10 \$? Fico com 2 \$ no bolso! (Recibe de Luiz os 10 \$).

Luiz. - Como sempre, sou eu o encarregado de pagar. (Conta) 120\$000! (Guarda o dinheiro)

Todos. - 120\$000!

Manuel. - Tudo quanto se ganha é para a comida, quarto e roupa... e tudo mau e pouco... Se quizermos um móvel... um livro...

Antonio. - E os que têm familia?

José. - 120\$000! Como diz o hino: (Recita, sem música) Oh! que ladroeira a do senhorio!

Fernando, completa, cantando:

Fazei, inquilinos
Greve em todo o Rio!

Salvador - Mas, entretanto, temos de pagar!

Fernando - Ora bolas! Não paguemos!

Salvador - Para... irmos morar em plena rua, como diz o hino?

Fernando. - O hino também diz que não se pague... É preciso começar, que diabo!

Salvador. - Bom começo! Meia dúzia de rapazes em dois quartos!

Manuel. - É impraticável...

Fernando - Qual impraticável, nem qual nada! Ao menos, para nós, seria prático!

José. - Prático, ir para o meio da rua, sem ter onde dormir, e com os troços? Está louco...

Manuel. - E que influencia teria o nosso exemplo?

Fernando. - Bom. Vocês querem ser roubados? Querem que sejamos todos roubados, porque eu também outro... O senhorio já recebeu mais do que o valor da casa: agora, mesmo no actual regime, teríamos direito a morar de graça...

Salvador. - Teríamos... mas não o temos.

Fernando. - Os direitos tomam-se...

Salvador, irónico - Com uma espada... Tomar o direito à casa deixando a cara ao senhorio! É boa!

Fernando. - Em summa: vocês querem mesmo pagar àquele ladrão? Apraz-lhes o papel de victimas? (Exaltando-se) Não vêem vocês que lhes fica a negra miséria em casa, que em breve se esgotarão os últimos míseros vinténs, e que teremos de arrastar a vergonha e a tortura de...

Salvador - Basta, basta! É discurso? (assustado).

Luiz. - O Fernando, rapaz, tem razão: nós vamos ficar numa situação intolerável... Se ao menos obtivéssemos uma espera...

Manuel - Não, não! Teríamos de sofrer as impertinencias, assiduidades e insolencias do nojento velho... Isso não!

Fernando. - Não paguemos!

Salvador ^(irónico) - E vamos para a rua... O velho tem mil modos de nos tornar impossível a estada aqui....

Fernando - Pois bem! tenho uma ideia!

Salvador ^{irónico} - "Não paguemos"! Já sei.

Fernando. - Sim; mas achei um meio de não afrontar o velho, de nos livrarmos das suas fúrias, sem pagar e sem ficar na rua...

Luiz. - Vai dizendo...

Fernando. - O Pereira, depois que os dois companheiros de quarto se foram embora, ficou com um quarto bastante vasto, onde poderemos instalar-nos durante alguns dias, até achamos casa...

Antonio. - É a mudança, feita dum momento para o outro? Teremos tempo?

Manuel. - É a nova mudança de casa do Pereira para a nova instalação?... se esta for fácil de arranjar. Duas mudanças? duas despesas?

Fernando. - Que diabo! Vocês acham tudo difícil! Somos seis; cada um leva o que puder e em duas viagens está tudo mudado! Como temos tanta mobília!

Antônio. - Mas como podemos sair a estas horas com os troços às costas?

Fernando. - Ora adeus! É muito cedo; não anda por aí ninguém; saímos pelo corredor para as trapujas... Ninguém nos verá... E se nos vir, paciência... Passamos adiante!

José. - Pois eu estou de acôrdo!

Luiz. - Eu também! Mão à obra! Viva a greve!

Salvador ^(forte). - Qual greve, nem qual nada! Greve seria recusar pagar, mas ficar em casa... Recusar francamente, ~~exigindo uma redução~~ até fazerem uma redução, mas ficar... E resistir ao despejo... Ou isto, ou a espropriação: ficar em casa é não reconhecer nenhum senhorio... Mas só nós, nem greve, nem espropriação... O que vocês querem fazer, e que não pode ser um sistema, fazendo-se uma vez ou outra, não dá remédio a nada: é um simples calote...

Fern. - Que nas nossas circunstâncias, vale tanto como a greve e é tão justo como ela...

Salvador. - As nossas circunstâncias são quasi sempre as mesmas...

Luiz. - Tem paciência, Salvador, mas agora são piores; quasi todos temos que pagar comida e outras coizas e o crédito não é muito... É o senhorio é um canalha e um ladrão muito grande...

Todos. - Bravo! Muito bem! ~~Muito~~
(Não ha tempo a perder!)

Fernando. - Vamos a isto, rapazes. (Eu vou
ver se o caminho está livre (Sai correndo).

(Todos arranjam as coisas e tomam objectos
- cadeiras, camas de vento, colchões, penicos...)

Fernando, voltando. - Pronto! Está desimpedi-
dida a passagem! o caminho! (Agarra al-
guns objectos José leva a meza à cabeça).

(Batem à porta. Pânico, confusão. Alguns
gritam: "É ele!")

Fernando, saindo a correr. - Salve-se quem
puder! (Todos se precipitam com os troços.)

José faz várias tentativas para passar pela porta
com a meza. Recua, atrapalha-se, anda em
roda. Por fim, sentindo abrir-se a porta, curva-se,
pouca a meza, que o esconde).

Scena II

O velho Anastácio, e José, escondido.

~~O~~ Anastácio, metendo a cabeça pela
porta. - Dão licença? (Pausa) Dão licença?
(Espera um pouco, depois entra a medo, chamado:)
O' sr. Luiz! Sr. José!... Dão licença? (Olha em
volta, depois bate palmas, pondo o ouvido à escuta.)
Examina com atenção e surpresa o quarto, notando
a falta de móveis. Bate com a bengala num
baix e depois na meza. Neste momento, a meza
mexe-se. O velho tem um sobresalto, recua
aterrado para a porta, e vendo mover-se de
novo a meza, volta-se e foje para fora).

(José espreita primeiro, depois sai, indo
à porta ^{do quarto} como para ver se pode passar).

José, olhando para dentro. - Como! Vocis estão
ainda aqui?

Scena III

Os seis inquilinos

Luiz ^(à entrada) - Como é isso? O homem foi-se embora? (Entram todos).

José - Apanhou um susto tremendo! Sem querer, foy mover a meza e ele achou que pensou que eram os espiritos. (Risos).

Fernando - Ah está uma ideia! Se nós lhe metessemos medo, fazendo-lhe crer que esta casa tem o diabo?

Antonio - O engano não duraria muito... O velho é fanático pelo dinheiro, e não o perdoa nem ao diabo em pessoa.

José - Mas como é que vocês ficaram aqui, em vez de se pôrem a salvo? Eu cá me arranjaría...

Salvador - A porta das trazeiras está fechada a sete chaves... O Fernando é bom explorador de terrenos, não há divida!... Não tivemos remedio senão voltar para traz e ficar ali naquele quarto muito quietinhos...

José - Mas agora estamos apanhados!

Manuel - É o mais seguro! O velho não deve tardar a voltar, talvez acompanhado, e decerto não larga a porta...

Fernando, com um murro na meza - Embora! não paguemos! Nós não podemos passar um mez sem dinheiro!

Alguns - Apoiado!

Antonio - Talvez ele espere, ao menos uma semana... Eu talvez receba uns cobres lá para o dia 8 ou 9... E talvez nos paguem a biblisteca que vendemos...

Fernando - Talvez... talvez... talvez... dom, dom... dom, dom... dim, dom... Parece um sino a dobrar a finado! Não paguemos!

Manuel - Vocês sabem como é o velho, não quer esperar e é um insolente...

Salvador. - O conflito seria inevitável...

Luiz. - Mais perderia ele... a verdade
nua e crua é esta (gritando!) Nós não po-
de-mos pa-gar a-go-ra!

Fernando. - cá não ser que esperemos o talvez
do Antônio. (Risos).

José. Pois bem! Tomemos uma decisão he-
roica! Não supliquemos! Recuzemos francamente
pagar agora! Digamos francamente ao velho:
Se você não quer esperar... arranje-se!
O homem ficará furioso, preparará ordem
de despejo, etc., mas tudo isso dura tempo,
e entretanto nós nos arranjaremos.

Todos. Muito bem! Apoiado! Não há
outro remédio!

Fernando, alegre. - Nesse caso, faço um
aditamento à proposta do José. Já que
rezolvemos arrostar de frente com o bicho,
façamos uma tourada: talvez ele até nos
julgue bebados ou loucos e nos deixe, ao
menos por algum tempo...

Manuel e Salvador. - Isso não!... Dei-
xem lá o velho!...

Luiz. - O abutre!

(Batem à porta)

Fernando. - Ei-lo! Preparemo-nos! (Vai
buscar um trapo vermelho; José empunha
uma trombeta de papel; Luiz prepara-se para
abrir a porta; Salvador, Manuel e Antônio
sentam-se de lado).

Luiz. - Tudo a postos?

Fernando. - Venha o bicho!

José. - Espera o sinal! (Toca) Luiz

Scena IV

Os mesmos, Ramón, Mercedes e Manolito

(Quando Luiz abre a porta, entra com desembaraço Ramón, de gorra, uma maleta numa mão e um embrulho na outra) Atraz vem Mercedes com uma trouxa e trazendo Manolito pela mão.

Fernando, que não viu nada, correndo entuziasmado sobre o recém-chegado e passando-lhe a capa - Eh! touro! (Movimentos diversos; todo de pé; gargalhadas; espanto de Fernando).

Ramón. - Yo soy casado, pero, que yo sepa, no soy toro! (Risos) Salud, compañeros! Hon-
bles à los compañeros del periódico libertario... (qualquer nome)?

Varias vozes, ao mesmo tempo. - Sim... En-
fien, compañeros... Sentem-se... (Mercedes e Manolito, que tinham ficado à porta, entram e sentam-se).

Luiz, explicando. - Nosotros pensábamos que eras el... (Para o lado.) Como se diz "senho-
rio" em espanhol?

Salvador. - Casero...

Ramón. - Vaya una gracia! Yo vengo de torear à los caseros... y de ser por ellos cogido... y aqui me torear como casero! (Ri). Pueden ustedes hablar portugués: yo comprendo... He estado en Portugal algunos semanas...
~~me comi y me gale...~~

Fernando. - Então também és inquieto em luta com os abutres... Bravo, colega! Toca! (esputa-lhe a mão)

Ramón. - Por serlo, me vengo al Brasil. Lean ustedes esta carta de la redacción de La Protesta, de Buenos Aires... (Passa a carta a Salvador, que a traduz em voz alta).

Salvador, lendo. - Companheiros de...

Saude! O portador desta carta é o camarada Ramón Pérez, perseguido pela policia por ter tomado parte activa na greve dos inquilinos e num acto enérgico de resistência a um mandado de despejo.

Fernando, interrompendo. - Bravo!

Salvador, continuando. - ... Obrigado a partir precipitadamente, sem recursos, com um filhinho e a companheira grávida, tem necessidade do apoio dos camaradas, sobretudo nos primeiros tempos, até arranjar emprego. Nós temos confiança nos companheiros do Rio de Janeiro e estamos certos de que fareis tudo o que vos for possível neste caso. Saude e R. S. A Redacção de La Protesta.^{no} Traga o carimbo. (Põe a carta sobre a mesa).

Manuel. - A ocasião não é das melhores, mas alguma coisa ha de fazer-se.

Todos. - Decerto! Sem dúvida!

Fernando. - Tenho uma ideia!

Salvador. - Já sei: "Não paguemos!"

Fernando. - Precisamente. É demais o dinheiro aqui a estes companheiros.

José e Luiz. - Bravo!

Salvador. - Sim; e vamos para a rua justamente quando devemos conservar a casa, agora mais do que nunca. A companheira?...

Mercedes. - Mercedes...

Salvador. - A companheira Mercedes e este menino precisam de ficar imediatamente instalados... e vocês sabem que no Rio achar casa não é fácil... e um hotel é um absurdo.

Manuel. - Toma razão, o Salvador.

Antonio. - Parece que não ha outro remedio senão pedir espera ao senhorio...

Fernando. - Isso pouco adianta... Não temos a quem recorrer: todos os amigos estão esgotados... Pagar ao senhorio dois dias mais cedo ou mais tarde é ficar sem dinheiro para as despesas urgentes que reclama o estado da nossa companhia Mercedes... a criança... todos.

Salvador. - Em todo ~~esse~~ caso devemos ficar aqui... Ou antes, eu e o Manuel, que dormimos naquele quarto (designa o quarto ao lado) passamos com armas e bagagem para casa do Pereira, que precisa justamente de dois; os companheiros recém-chegados vão para lá, ^(aponta o quarto) e vocês ficam aqui.

Manuel. - Muito bem!

Luiz. - Muito bem, mas a casa não é tãdo... &

Fernando. - Temos sempre de arranjar dinheiros... não pagando ao senhorio...

Luiz. - Eu tambem não vejo outro meio.

Jozé. - Seria necessario descobrir um modo de ficar com o cobre sem sair de casa.

Antonio. - Não ha dúvida...

Fernando, enfático. - Companheiros: tal como os sitiados que, resolvendo uma sortida desesperada, queimam as portas da fortaleza para não terem para onde recuar e fugir, para terem de vencer ou morrer, assim nós devemos entregar immediatamente os 120 \$ 000 ao camarada Ramón, e o desesperado da situação nos fará achar expedientes salvadores e decisivos! (Salvador tenta acalmar com o gesto; mas todos aplaudem, batem palmas, e Luiz vai logo entregar os 120 \$ a Ramón).

Ramón. - Pero, compañeros, no nos hace falta tanto dinero y... aun que no pagueis al casero - el que seria mui justo, caramba! - tendreis necesidad de...

Todos, protestam, interrompendo. - Qual!

Não! não! Guarda o dinheiro!

Salvador. - Eu de qualquer modo me arranjaréi... O hoteleiro que espere...

Fernando. - Não lhe pagueis!...

José. - Todos se arranjarão razoavelmente. O peor é a casa; mas isso tambem se ha de arranjar...

Antonio. - Pensemos num meio qualquer...

Salvador. - Tenho uma ideia!

Fernando. - Tambem tu?...

Luis. - Lê o nosso salvador, ó Salvador!

Salvador, santando-se, com ar de narrador. -

Fiz ha tempos parte dum grupo de amadores dramáticos...

Fernando, irónico. - Tu?...

Salvador. - Cala-te, orador...

Manuel. - Eu, amadores dramáticos, não os posso suportar...

Luis. - Deveriam antes chamar-se "matadores dramáticos"...

Salvador. - Ora! o grupo não era assim tão mau! Basta dizer que faziam parte dele o Charrino, o Nogueira, o Ulisses, etc. Vamo, por isso, ao que importa. Não sei como, lembrou-me agora um episodio duma comédia por elle representada. Uns estudantes pregam uma partida a um velhote seduzindo-o com uma falsa mulher, e surpreendendo-o depois, disfarçados em pai, mãe, etc. e fazendo então dele o diabo... Ora nós não somos filhos da burguezia, mas temos o direito, para tão justo fim, de imitar aquella partida...

Fernando. - Tomemo-lo!

Salvador. - Tomemo-lo, pois!

(Todos aprovam, com frases diversas d'ocazião:
"A ideia é excellente." "Bem achado!" etc)

José - Precisamos, então, d'uma mulher!

(Todos olham para Mercedes, que baixa os olhos, e vergonhada).

Ramón. - Mi compañera es incapaz de hacer eso... Es muy tímida...

José. - Eu poderia disfarçar-me de mulher; mas sou muito conhecido pelo velho, que poderia descobrir... De nós, só o Fernando é que ele não conhece bem, porque nunca o vê em casa...

Fernando. - Eu de mulher seria um pavor... Eu sirvo muito bem para o pai terrível que quer comer cru o senhorio... Agrada-me o papel, palavra d'honra!

Ramón. - Bueno! Es justo que yo me gane el dinero del alquiler... Soy yo la mujer!

José. - Mas tu falas espanhol!

Salvador. - É até melhor para disfarçar! O Ramón achará modo de contar ao velho que seu pai é espanhol, mas esta no Brazil ha um ou dois annos; que ele - ou ella - acaba de chegar com a mãe, para se reunirem ao chefe de familia.

Todos. - Bravos!

Luis. - Está tudo combinado: o Ramon é a filha sedutora, Fernando o pai terrível, Mercedes a mãe aflita...

Mercedes, tímida. - Yo no sé... no puedo...

Fernando. - Que grande dificuldade, companheira! Quando vir o negro espectáculo de sua filha dezhonrada, cai desmaiada nos braços de dois... o Salvador e o Manuel, por exemplo...

e eu, me encarrego do resto... Garanto que o susto que lhe pregarei dará que fazer à lavadeira e o obrigará a não ter olhos senão para mim. (Com gesto terrível, olhos esbugalhados) Ah! miserável sátiro, que me vais pagar com o teu sangue...

Manuel - Estão os papéis todos distribuídos?

Antonio - Eu, tu, o Salvador, o Jozé e o Luiz seremos testemunhas...

Jozé - Bom; toca a cicatrizar. Ramón

Luiz - Cicatrizar? Caracterizar...

Jozé - É o mesmo. Os outros disfarçam lá dentro. Vamos, que o velho não tardará.

(Ramón tira da trouxa trazida por Mercedes roupa de mulher e levanta-a ao ar alegremente)

Todos - Muito bem! Bravo!

(Scena rápida o mais possível, todos apressados)

Ramón, ao pequeno - Ponte allí fuera à ver si viene el viejo, Mandolito. (O pequeno sai, muito vivo). Pronto! (Vesti a saia).

(Scena o mais rápida possível; todos se apressam, às vezes atrapalham-se, fazem ruído, dizem frases de ocasião: Chega-me isto! Falta aquilo! Isto está apertado!)

Jozé, enchendo de trapos o peio de Ramón - Que opulentos seios!

Antonio, pondo Ramón com o traziço para a seiva e dando ali uma palmada - Isto está muito chato! (Um vai buscar uma almofada, outro levanta-lhe a saia; prendem-lhe a almofada).

Luiz - Diabo! Falta a cabeleira!

Manuel - É verdade!

Salvador - De alguma coisa serve ser eu amador dramático. (Vai ao quarto buscar e traz uma cabeleira este triunfo) Lá está ela!

(Acabam de disfarçar Ramón)

Fernando. - Encantadora, esta minha filha Carmen!

Ramón, com pudor afetado, olhos baixos. - Oh! papá!

Antonio. - Não seria bom fazer um ensaio de desmaios?

Manuel. - Não é preciso. O velho, com o susto, não reparará em nada...

José. - Em todo caso, cuidado que ele não te veja as calças...

Luiz. - É verdade!... O diabo é se...

Salvador. - É se... o quê?...

Luiz. - Se ele se atreve a levantar... o ven do misterio... apesar de velho...

Fernando. - Qual! Não lhe daremos tempo para isso. Eu estarei à espreita... ou melhor, eu não posso, o José espreitará... E Ramón, cheio de pudor, não consentirá...

Manolito, entrando, vivamente. - Que ~~tem~~ viene el tío!... ~~Manolito~~ ~~Manolito~~
(alvoroso).

Fernando. - Pais não achará os sobrinhos. (Fazem todos confuzamente para o quarto)

Fernando, atras, antes de sair.: Coragem, Ramón... Carmen...

Ramón. - Estea usted tranquilo, papá.
(Batem à porta)

Scena V

Ramón e Anastácio

Ramón. - Quien es? (Com voz esganiçada)

Anastácio, fora. - Anastácio Agarrado, senhorio.

Ramón. - Vaya um nombre! (Abrindo a porta)

Entre usted. (Sempre amável).

Anastácio, detendo-se admirado à porta, olhando Ramón, o quarto, a meza. - Mas este quarto e o outro, pegado, estão por conta do sr. Luiz Magro da Costa... A senhora...?

Ramón. - Yo soy hija de uno de los moradores...

Anast. - Ah! Deve ser um que mal vi uma vez... Ele parece mesmo espanhol...

Ramón. - Si, pero está ^{aquí} ~~en~~ ^h hace dos años.

Anast. - Entonces, os senhores cá do quarto não estão em cara? Como era domingo, eu... esperava encontrar o sr. Luiz...

Ramón. - El señor Luis vuelve pronto. Entre usted, y espere un rato...

Anast. - Um rato?! Mas esta cara não tem ratos! É nova! Custou-me bom dinheiro! Ora essa! Um rato!

Ramón - Que dice usted?

Anast. - Que não espero ratos, mas o sr. Luiz, que me deve pagar o aluguel dos dois quartos: 120 \$ 000. É de graça! No Rio, não se encontra mais baratos.

Ramón. - Bueno, pues entre usted. El señor Luis no tardará mucho. (Anast. entra)

Anast. olhando em volta. - Mas eu não vejo cadeira...

Ramón. - Para que quiere ^{usted} una caldera?

Anast. - Mas eu não quero uma caldeira; o que eu queria, se a houvesse, era uma cadeira... uma cadeira... para me sentar (faz o gesto de se sentar).

Ramón. - Ah! comprendo, una silla!

Anast. - Uma silha! Eu não sou nenhum burro, minha senhora...

Ramón. - De seguro! Usted tiene cara de inteligente. (Dá-lhe uma cadeira e senta-se na outra).

Anast. lisonjeado, com um sorriso: - A senhora acha? É verdade?

Ramón. - Si! Usted tiene cara de inteligente y es un joven muy guapo... (Anastacio endireita-se, abre os olhos). Cuantos años tiene usted? (Douçosa) Treinta? (Suspira)

Anastacio, comprometido, olhando em volta, coçando-se, sem ousar encarar Ramón, — Eu... eu... verdadeiramente... tenho um pouco mais...

Ramón. — Pues no parece, palabra de honor! Usted está mui fresco... Usted es mui simpático... (Suspira) (O velho está cada vez mais comprometido).

Anast., olhando Ramón de sobraio. — Usted, senhorita, é também mui ~~geitoza~~ geitoza... muito... muito simpática...

Ramón, douçoso. — Si?... Le pareces à usted?

Anast. — Pudera! A senhora tem... uma face bonita... corada como uma maçã...

Ramón. — Masá? Que es eso?

Anast. — Que é maçã? Pois não sabe? É uma fruta.... É a fruta que Adão comeu dada por Eva no paraíso...

Ramón. — Ah! la manzana... el pomo proibido... Le gustan à usted las manzanas? (malicioso) el pomo proibido!...

Anast. — Ah! Eu sou doído por fruta... Seria capaz de comer todas as maçãs do paraíso, e toda a fruta que por lá houvesse... É a senhora, gusta?

Ramón. — Ah! yo soy loco... digo, loca por toda qualidad de fruta: manzanas, peras, melocstones, cerezas, ciruelas...

Anast. — Como? cereaulas! Mas isso não é fruta!

Ramón. — Si, que lo es! Y que deliciosa! No le gusta a usted?

Anast. — Eu... gosto... mas é só para cobrir as pernas...

Ramón. — Para cubrir las piernas! Que dice usted? Yo, las piernas, las cubro con los pantalones... digo... con las enaguas... Pero las ciruelas... me las como (Suspira).

(Jogo de scena)

Então

Anast., meio inflamado. - Então a senhora gosta de ceroulas?...

Ramón. - Me gustan mucho. (Suspira).

Anast.. - Pois eu gosto mais de maçã...

Ramón. - Le gusta... el pomo?...

Anast.. - Gosto... (Jogo de scena).

Ramón. - Si yo tuviera una manzana, se la daría a usted...

Anast., suspirando. - Si! pomos não lhe faltam à senhora...

Ramón, olhos baixos. - Yo tengo pomos?

Anast., tremulo, pouco. - Lhe a mãs nos seios. - Aqui... (Ouvem-se passos; Ramón levanta-se sobresaltado).

Anast., de pé, assustado. - Que é?

(Cessa o ruído de passos)

Ramón. - No es nada... ~~Leve~~ Leve ti tese usted... ~~He visto passo~~ Óé passos ey pensei que era mi padre...

Anast.. - Seu padre? seu pai? (de sustado). Seu pai é mau... é desconfiado?...

Ramón. - Mi padre es terrible!

Anast.. - Bredo! (Treme!)

Ramón. - No se assuste usted, que mi padre está lejos... no viene antes de la noche. Me assusté sin razón... (Anast. respira).

Pero mi padre es terrible. Sabe usted porque se ha venido al Brasil?

Anast.. - Não sei...

Ramón. - Pues porque mató à um hombre por mi causa...

Anast.. - Como! por causa da senhora?

Ramón. - Si. Oiga usted. Ese hombre me dió un beso... aqui... (mostra um lugar na face aproximando-a de Anast. que recua aterrado)... aqui... vea usted (Anast. afasta a cadeira)...

Mi padre salió como una fiera (põe-se de pé e representa a scena com toda a energia)
 y - bum! - le metió ^(en el pecho) la navaja con tanta furia que le salió el brazo por las espaldas ... y aun le costó trabajo sacarlo.

Anast. aterrado. - Jesus! Jesus! Eu

vou - me embora...

Ramón. - Pero, hombre, si mi padre no viene.

(Ruido de passos. Anast. e Ramón levam-se inquietos. Batem à porta. Lust de velho).

Ramón. - Talvez sea el señor Luis.

(Batem de novo).

Scena VI

Todos

Fernando, fora. - Abre, Carmen!

Ramón, aterrado, apertando as mãos. - Ah!

es papá! es papá!

Anast., tremendo. - Si! meu Deus! ai!

meu Deus! Ele terá a tal navalha?

Ramón. - La navaja? Pero si la trae siempre consigo!...

Anast. Jesus! Jesus!

Ramón. - ~~Esconda, usted!~~ ~~Esconda!~~

(choroso) ~~Esconda, por Dios~~ (tempurra o velho, à toa, atrapalha). (Batem com força à porta).

Anast. procurando esconder-se, girando pelo quarto, empurrando a porta do outro quarto que está fechado. - Onde me escondo? onde me escondo? meu Deus!

Fernando, fora, furioso. - Abre, Carmen!

Ou arrombo a porta... A chave está por dentro! Sinto passos aí dentro! Abre, caramba!

Ramón. - Dios mio! Mi padre vai à matar à usted y à mi... ~~Esconda, usted~~

(tempurra o velho para debaixo da meza, mas o velho não cabe e fica com meio corpo de fora. Neste momento a porta abre-se violentamente, Ramón dá um grito

desmaiando ruidosamente sobre a cama.)

Antonio, rapidamente, ao velho. - Ofereça-lhe uma indenização, senão ele mata-o. (Muito alto, para todos) O sr. Anastacio está pronto a oferecer uma indenização...

Fernando, furioso, conseguindo avançar. - Nunca! Nunca! Não é assim que se paga esta dívida! A única indenização é o seu sangue! (Novo terror do velho, alvoroço).

Salvador. - Que diabo! Fernando! Se o sr. Anastacio oferece uma indenização razoável... devo aceitar. (Gesto de Fernando) Bem sei... não parece bonito... não é suficiente... o mal é irreparável... Mas por isso mesmo que é irreparável... mais vale um bem em favor de sua filha ou de todos... do que a morte dum homem... que a nada dá remedio e a todos dará incômodo...

Anast., agradecido para Salv. - Obrigado! Obrigado!... Se não for muito... Se estiver dentro das minhas posses...

Fernando. - É impossível! É impossível!

Mercedes, que voltou a si, respirando um frasco qualquer que lhe chegou um rapaz. - Fernando, no mates el viejo!...

Fernando, ainda irritado. - Já que todos pedem... vá... Mas eu não quero tratar de nada... Combinem vocês a indenização... (Ramón, pelo mesmo processo, volta a si e fica emvergonhado a um canto).

José. - Bom. Acorde-me uma ideia... O sr. Anastacio pode pagar neste momento, mesmo sem trazer dinheiro, uma indenização, que parece ser a nós todos... Mas nós depois faremos contas com o Fernando...

Manuel. - Como é, então?

Fernando, ^(de velho) entrando, seguido por todos. -

Com mil diabos!... (Para surprezo) Que é isto?
(Gritando terrivelmente;) Minha filha desmaiada...
sobre a cama... e um homem escondido
debaixo da meza!... Ah! com mil raios! (Puxa
pelo velho violentamente)

Anast., aterrado, trêmulo. - Perdão!... Perdão!...

Eu não fiz nada!...

Fernando. - Ah! miserável! ah! bandido!
Tu ousas negar a evidencia? Velho infame,
ascorozo sátiro... vais pagar com a vida a
dezhonra que trouxeste para um lar honrado...
(Tira uma grande navalha de ponta e avança
para o velho. Mercedes dá um grito e desmaia).

Anast. Perdão!... Perdão!... (Chora). Não...
me ma... te!

Fernando, que procura livrar-se das
mãos de José e Luiz. - Deixem-me... dei-
xem-me... quero beber o sangue daquele
imnundo sátiro que aproveita a ausencia
de todos para roubar a honra duma in-
nocente donzela... (O velho gagueja sempre
desculpas, pede perdão, diz que não fez nada).

Luiz. - O sr. Anastácio está pronto
a dar uma reparação... Não é verdade,
sr. Anastácio?

Anast. - Sim, senhor... sim, senhor...

Fernando. - Não ha reparação pos-
sivel para um caso destes: tenho o direito
de o matar. Apanhei-o em flagrante...
& quero que amanhã se saiba quem é
este bandido, que não contente de roubar
innocentes inquilinos, rouba a honra
de candidas donzelas... Quero mata-lo!
(José e Luiz arrastam Fern. para o fundo).

Mercedes. - Pobre viejo!...

Fernando. - Estás sempre disposta a perdoar... Mas lembra-te do que têm sido este abutre para os inquilinos.... (como lembrando-se) e do que fez á nossa filha...

Luiz. - A minha proposta é a seguinte: A Liga dos inquilinos apresentou ~~esta~~ tabela de reivindicações, que marca uma redução de 40 por cento nos aluguéis nas casas & cômodos. É esta redução que o sr. Anastácio assinará, perdoadando, além disso, o mez vencido hoje. É fica tudo saldado. (Põe-se a escrever).

Anast., quisoso. - 40%! 72\$000 em vez de 120\$000! Isso é a ruína, sr. Luiz... Olhe que...

Fernando. - Chiu! (ameaçador).

José. - 72\$000 não é conta redonda: 70\$000 (Anastácio estremece).

Antonio. - É. 70 não é divisível por 6: proponho 60\$000 (Anast. sobressalta-se).

Anast., suplicante. - Fiquemos nos 70\$000 pelo menos!

Luiz, conciliador. - Bom! Sejão 70\$, depois cá faremos as contas. É perdoado o mez vencido hoje. Tá está o papel: faça o favor de assinar.

(O velho, consternado, constrangido, lê atentamente o papel e em seguida assina vagarosamente, com mão trêmula, suspirando no fim).

José. - Ora deixe estar, que a coiza não lhe saiu cara!

José. - O sr. Anastacio Segurado, proprietario, declara perdoar, neste mez e d'aqui, para o futuro, todos os alugueis destes dois quartos!

Anast. - Credo! Isso é impossivel! (espantado) Mas os senhores querem que eu fique pobre?

Fernando, furioso. - Como, miserável? Perdoos-te a vida e tu ouzas discutir o mesquinho preço que te marcam a essa vida? Nem mais uma palavra! Não só os quartos, mas toda a casa devia ser nossa, e não como indemnização, mas como restituição. Com que a edificaste? Com dinheiro roubado. E com ela fizeste um constante chantage, exerceste a tirania do senhorio que se vale da pobreza, da falta de casas, para explorar infamemente os desgraçados inquilinos. Nem uma só pedra desta casa te pertence!

Anast. gaguejando. - Mas... eu... eu não sou rico...

Manuel - Tem apenas 8 caras de cómodos!

Anast. - Eu vou... ficar pobre... Tenham piedade de mim!

José. - Acharia melhor que o matassem ou lhe puzessem a calva à mostra... ou ainda peor?...

Luis. - Bom. Eu vou fazer uma proposta, que me parece muito razoavel.

Anast. - Oxalá!...

Antonio. - Venha de lá isso...

Fernando. - Estou quasi arrependido da minha benevolencia... Vocês ainda o deixam ir, pedindo-lhe desculpa! Mas eu...

Luiz. - É trate de ser fiel ao contrato!

Antonio. - Não procure expulsar-nos...

Fernando, ameaçador. - Ele hade ter juizo...

Anast. - Oh! bastaria a minha pa-
lavra! (Humilde) Posso retirar-me?

Salvador e Manuel. - Pôde, pôde.

Jozé. - Alto lá: falta uma pequena
condição (Agarra o velho).

Anast. - O sr. tambem?...

Jozé. - Não se assuste: é uma brinca-
diira. (Trayendo-o para a frente). O sr. sabe
a mizica de As Carvoeiras: "Liberdade, li-
berdade - quem a tem lhe chama sua...?"

Anast. - Sei, sim senhor... É uma can-
toga bem velha... e ainda me lembra que a
cantava lá na terra...

Jozé. - Ora cante...

Anast. - Ora, sr. Jozé...

Jozé. - Vamos, cante! não tenha
vergonha!

Anast. - Isso não é para a minha
idade...

Ramón, que se aproximou. - Cante usted!

Usted es aun mui joven! (O velho fica
perturbado; olha de soslaio para ela e para o
pai).

Fernando, terrivel. - Cante!

Anast. assustado. - Então... então...
lá vai... (Canta muito mal).

Liberdade, liberdade,

Quem a tem lhe chama sua,

Eu não tenho liberdade,

Nem de pôr o pé na rua!

Jozé. - Basta!

Todos. - Bravo! bravo!